

EIXO 3: POLÍTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

RELAÇÃO DE COOPERAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E EMPRESAS: NA VOZ DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR - IES EM ANÁPOLIS/GOIÁS.

Tereza Cristina Medeiros Pinheiro de Lima

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás
tekinha.adm@gmail.com

Karla Kellem de Lima

Instituto de Pós-graduação de Goiás
karlakellem@globocom

Thiago Teixeira Conforti

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
thiagoconforti@gmail.com

Gabriela Araújo Romão

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
gabibundy@yahoo.com

RESUMO

O artigo resulta de um estudo sobre a relação de cooperação entre Instituições de Ensino Superior (IES) e Empresas localizadas em Anápolis – Goiás, a partir do olhar dos diretores acadêmicos. Metodologicamente realizou-se uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva, tendo como instrumento as entrevistas com os diretores. Os resultados revelam que as relações são muito informais, sendo vista de forma positiva e sistematizada nas seguintes ações: oferta de estágio, recrutamento de alunos, visitas técnicas, palestras, oferta de cursos específicos, convênios, orientações para criação de novos cursos, adequação dos projetos políticos pedagógicos á realidade das empresas, dentre outras.

Palavras-chave: Instituições de Ensino Superior; Cooperação Universidade e Empresas; Gestão Universitária.

INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa foi conhecer, discutir e analisar se existem parcerias entre as Instituições de Ensino Superior - IES e as empresas como suporte às inovações, à capacitação das pessoas, ao crescimento empresarial e ao desenvolvimento regional, na cidade de Anápolis, no estado de Goiás, a partir do olhar dos diretores das unidades acadêmicas.

As IES foram pesquisadas através do site do Ministério da Educação - Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados e em contato com os Diretores Acadêmicos foram realizadas entrevistas buscando identificar quais os serviços e ações realizados por elas junto às empresas situadas no Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA). Procurou-se conhecer também quais as interlocuções mantidas entre os atores sociais – faculdades e setor produtivo bem como conhecer as vantagens e desvantagens da relação de cooperação.

A pesquisa justifica-se pelas mudanças que estão ocorrendo na sociedade interferindo nas IES que precisam se adaptar ao novo ambiente competitivo e a necessidade de buscar parcerias com as empresas dentro de um cenário que exige cada vez mais aprendizagem e inovação. Para acompanhar as transformações ocorridas nesse ambiente, às perspectivas gerenciais das IES são levadas a adotarem uma postura de mudança de estratégias, por meio da implementação de ações que se coadunem às novas realidades.

A consolidação da parceria e cooperação IES e empresas são indicadas pela literatura como um processo lento tendo em vista os fatores culturais, operacionais e estruturais da sociedade brasileira.

Se compreendermos que o tripé governo, setor empresarial e instituição de ensino superior podem alavancar o desenvolvimento da sociedade, o trabalho encontra sua relevância na necessidade de desenvolver, estimular, intensificar investimentos em políticas públicas para a capacitação de pessoas, fomentar o processo de inovação, fortalecer a competitividade e o desenvolvimento regional.

METODOLOGIA

A pesquisa será aplicada do ponto de vista de sua natureza, com abordagem do problema, qualitativa e do ponto de vista dos seus objetivos, descritiva. Na primeira etapa o universo definido para a pesquisa corresponde as Instituições de Ensino Superior - IES situadas em Anápolis, no estado de Goiás, extraído do site do Ministério da Educação - Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados (<http://emec.mec.gov.br>).

O contato com os Diretores Acadêmicos foram realizados através de entrevistas buscando identificar quais os serviços e ações realizados por elas junto às empresas situadas no Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA).

Num primeiro momento, para objetivo da presente pesquisa, foi feito a definição e validação das entrevistas realizadas com os diretores das IES visando levantar dados,

verificando as parcerias e projetos desenvolvidos pelas IES para as empresas e identificando os fatores que facilitam e dificultam o relacionamento.

No que refere à educação superior, Anápolis dispõe de uma rede de ensino incluindo a Universidade Estadual de Goiás - UEG, Uni Evangélica, Faculdade Anhanguera de Anápolis, Faculdade Fibra, Faculdade Raízes, Faculdade Católica de Anápolis, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Faculdade Metropolitana de Anápolis – FAMA, e a Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange. As IES pesquisadas foram seis de um total de nove IES entrevistando diretores e/ou coordenadores utilizando-se o critério de acessibilidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante de um mundo globalizado desenhando um cenário de grandes transformações, as empresas se encontram diante de um grande desafio de competitividade necessitando para isso desvendar uma rede de conhecimento, formando um ambiente tecnológico propício à inovação, novos conhecimentos e novas ideias. Os estudos realizados indicam que:

Nos países desenvolvidos, a interação entre o setor de pesquisa e o setor empresarial faz parte da estratégia das empresas na gestão de seu conhecimento (VASCONCELOS e FERREIRA, 2000, p.169).

Assim, pode-se afirmar que o conhecimento tem sido historicamente um motor que impulsiona as mudanças econômicas e sociais e as empresas precisam desse conhecimento para aperfeiçoar, aprimorar, ampliar seus produtos, processos, práticas e serviços, capacitando-as no enfrentamento desse mundo de mudanças.

Tornam-se necessárias políticas do setor público, privado e educacional que possam atuar como agentes na disseminação do conhecimento, contribuindo para a aprendizagem das empresas. Cassiolato (1999) afirma que se consolida, assim, o conhecimento como sendo o recurso principal que deve estar na base das novas políticas de promoção ao desenvolvimento industrial e tecnológico e o aprendizado como processo central desse desenvolvimento.

O presente estudo centra-se no objetivo de conhecer a relação das IES com as empresas e até que ponto existe uma relação de parceria, de aporte de conhecimentos e de oferta de serviços que possam levar ao aprimoramento dessa relação.

A cooperação entre a academia e o setor empresarial deve ser um “caminho de mão dupla” onde a academia se beneficia do conhecimento prático das empresas oferecidas como um campo de estágio e de desenvolvimento de pesquisa. As empresas se beneficiam com a

capacitação de seus recursos humanos, constituição de projetos que atendam as suas especificidades, da produção de novos saberes e processos que possam potencializar a busca de excelência tanto das empresas como das IES. Pesquisas sinalizam que:

As relações universidade / empresa não se podem resumir a simples trocas de serviços ou equipamentos, por isso o seu real objetivo deve ser o aumento da base de conhecimento das duas instituições. Tais relações podem assumir varias formas, desde uma simples consultoria até a construção de estruturas especiais e complexas. (VASCONCELOS e FERREIRA, 2000, p. 172).

No entanto percebe-se um conjunto de situações problemáticas na constituição dessa parceria uma vez que o tempo dessas organizações é diferente. Estrutura acadêmica mais lenta tendo em vista a necessidade de aprofundamento científico e o meio empresarial ágil, tendo em vista o dinamismo e as necessidades da empresa e do mercado.

Para as universidades, essa interação trará a prática para dentro das salas de aula, já que o aluno ampliará os conhecimentos agregando ao aprendizado acadêmico um diálogo com a prática, além das possibilidades de melhorias na infra-estrutura, montagem de laboratórios, construção de centros tecnológicos, aquisição de novas tecnologias, dentre outros. Em relação às empresas, essa interação tem como objetivo a capacitação dos profissionais, aquisição de novos saberes provenientes da pesquisa, novas ferramentas gerenciais e de produção tecnológica.

As primeiras interações entre as Instituições de Ensino Superior e o setor empresarial só foi possível, a partir dos rompimentos ideológicos de ambas as partes. Na análise de Velho (1996), “empresários e acadêmicos, como a água e o óleo, não se misturavam”, indicando nessa avaliação que as IES lutam por sua autonomia na produção de novos conhecimentos e os empresários consideram a academia desligada da realidade do mercado e conseqüentemente, das necessidades empresariais.

No século XXI, as empresas tiveram que repensar seus valores, custos, qualidade e produtividade, geração de novos conhecimentos, investimento em pesquisa e tecnologia e isso as obrigam a estreitar relacionamentos com as Universidades e com o Governo, o que vem crescendo a cada ano no Brasil.

Facilitadores e Barreiras para a interação Universidade e Empresa (U-E)

No mundo globalizado as inovações tecnológicas tem sido um dos principais objetos de estudo, por serem agentes de mudanças e por agregarem valores e novos conhecimentos.

As empresas perceberam a real importância do conhecimento buscando diferenciais competitivos para se manterem no mercado. Do ponto de vista econômico o que define países

desenvolvidos dos não desenvolvidos, é sua capacidade de produzir conhecimento, numa interação dinâmica entre empresas, universidades e governo.

Zagottis (1995) cita, “a necessidade de interação surge, na área científica quando o setor produtivo precisa absorver uma tecnologia nova para ele, ou quando o setor científico desenvolve conhecimentos novos que podem ter aplicações práticas”.

Segundo Reinhart & Selter (1998), existem muitos benefícios para ambas às instituições, universidades e empresas, que usufruem destes modelos de transferência de tecnologia. Para as empresas, os modelos fornecem: aumento do pessoal cientificamente treinado; avanço tecnológico; qualificação de pessoal; aumento do acesso à propriedade intelectual, patentes, e publicações e acesso aos laboratórios, faculdades e outros recursos destas instituições.

Para as universidades, os modelos fornecem uma alternativa para o declínio dos fundos governamentais; expansão nas oportunidades de aprendizado dos estudantes e aumento das publicações e patentes, dentre outras. Esses fatores garantem para países desenvolvidos a capacidade de criar e comercializar o conhecimento, vendendo para outros países. Dahab (1995) discorre que:

Nas últimas décadas, o processo de transferência de tecnologia tem sido amplamente utilizado, especialmente pelos países em desenvolvimento, como forma de modernizar e aumentar a competitividade de suas economias. E, no cenário atual, marcado pela globalização dos mercados e pela dura concorrência local e internacional, as empresas precisam tornar-se ainda mais ativas.

Assim, pode-se afirmar que o conhecimento tem sido historicamente um fator que promove mudanças econômicas e sociais, fazendo com que as empresas precisem desse conhecimento para se aperfeiçoar, aprimorar, ampliar seus produtos, processos, práticas e serviços, capacitando-as no enfrentamento desse mundo de mudanças.

Atualmente no Brasil é modestamente visível e caminha a passos lentos a aproximação entre universidade/empresa, fator relacionado a desconfianças mútuas existentes entre o meio empresarial e acadêmico. Segundo Freire de Paula e Pontes (1999) o distanciamento entre a universidade e a empresa é um dos “calcanhares de Aquiles” da produtividade e melhora na qualidade da indústria brasileira, além do confinamento da capacidade científica nas universidades.

Segundo Plonsky (1999) a única saída para os países do terceiro mundo é a aproximação entre três tipos de atores: a infra-estrutura de ciência e tecnologia, a estrutura produtiva e as políticas governamentais. Esses atores precisam estabelecer um diálogo amplo e intensivo para que juntos, possam alavancar o processo de desenvolvimento. Os estudos

revelam que na interação entre universidade-empresa uma das dificuldades é a burocracia provocando decisões lentas em relação à agilidade da demanda do setor produtivo.

Avillez (1999) é da opinião que a falta de comunicação entre a universidade e a empresa seja um dos fatores mais críticos para o início de uma relação. Entende que é necessário mudar a postura acadêmica e empresarial brasileira que atrapalham e restringem a cooperação. Acredita que é fundamental melhorar o diálogo entre as lideranças dessas instituições.

Dessa forma, percebe-se que muito ainda precisa ser feito para que a cooperação entre universidade-empresa venha a ser um forte mecanismo de transformação e melhora significativa nos meios de produção e gestão no Brasil.

Produto das interações Universidade e Empresas (U-E)

As instituições de ensino, formadoras de mão-de-obra qualificada tem um papel importante no desenvolvimento econômico do país, sendo cada vez mais reconhecidas. A necessidade de criar novos ambientes para o desenvolvimento propicia um meio cada vez mais competitivo, por isso a inovação é um elemento fundamental para que as empresas possam seguir a lei que as regem, obter lucros. A partir de então, a interação universidade-empresa surge para capacitar e fortalecer os recursos envolvidos.

A gestão da inovação e do conhecimento juntando todos os atores envolvidos neste processo possui um elevado grau de importância e relevância para todas as empresas, à medida que todos foquem em um único objetivo e busque a captação e o compartilhamento de informações.

O processo de desenvolvimento tecnológico da gestão de inovação deve estar interligado ao ambiente de pesquisa, pois assim como consequência maior *know how* e melhor desempenho na produtividade empresarial. Por isso é indispensável à pesquisa no âmbito tecnológico. Plonsky (1998, p.22) cita que:

Apenas a percepção da necessidade de aprendizagem permanente e ajuste recíproco ensejarão a difusão da cooperação empresa-universidade como um processo mutuamente enriquecedor, capaz de contribuir para que cada entidade, na sua esfera, avance na busca da excelência. Excelência que, como sabemos, não é destino, mas sim uma jornada.

Acredita-se que a cooperação entre universidade-empresa é extremamente importante para a pesquisa e desenvolvimento da sociedade possibilitando a sustentabilidade do mercado, alavancando o desenvolvimento e melhorando a qualidade de vida de toda a sociedade.

ANÁPOLIS: CRIAÇÃO, EDUCAÇÃO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

A cidade de Anápolis do Estado de Goiás está localizada a 53 km da Capital de Goiás, Goiânia e a 130 km da Capital do Brasil, Brasília. É o terceiro município do Estado em população e é considerado o primeiro no ranking de competitividade e desenvolvimento sendo a principal cidade industrial e centro logístico da região. Sua economia está voltada para a indústria de transformação, medicamentos, comércio atacadista, indústria automobilística e também a educação.

DISTRITO AGROINDUSTRIAL DE ANÁPOLIS (DAIA)

No que tange a economia industrial e comercial do município de Anápolis registra-se o Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA), criado em 1976 com a instalação do Pólo Farmacêutico. Em 1980 ocorreu grande impulso ao DAIA, pois, o governo instituiu um programa que concederia benefícios fiscais e isenção de impostos às empresas que se instalasse no local.

O DAIA conta hoje com 130 empresas e gera em torno de oito mil empregos diretos e apresenta perspectivas de novas empresas e destaca a Estação Aduaneira do Interior (EADI ou Porto Seco).

EDUCAÇÃO SUPERIOR EM ANÁPOLIS

O **Centro Universitário de Anápolis – UNI-EVANGÉLICA** mantida pela Associação Educativa Evangélica (AEE) foi fundada em 1947, como instituição confessional. O desenvolvimento da cidade de Anápolis se entrelaça com a instituição, afinal na década de 70 a formação do profissional com graduação tinha como referência a AEE, que oferecia cursos de Direito, Odontologia, Ciências Sociais, Matemática, Letras e Pedagogia. Atualmente a instituição oferece 31 cursos de graduação.

A **Universidade Estadual de Goiás – UEG** criada em 1999. Organizada como uma Universidade Multicampi, sua sede central em Anápolis é resultado do processo de transformação da antiga Universidade Estadual de Anápolis (UNIANA) e da incorporação de outras 12 Instituições de Ensino Superior isoladas, mantidas pelo poder público. Na condição de instituição multicampi, com unidades universitárias instaladas em todas as microrregiões

do Estado, oferece cento e trinta e seis (136) cursos de graduação regular presenciais em quarenta e oito (48) municípios entre capital e interior.

A **Faculdade Católica de Anápolis** foi criada e instalada em 1995, pela Fundação São Miguel Arcanjo da Diocese de Anápolis e oferece cursos de graduação em Administração, Filosofia, Gestão Ambiental, Gestão de Recursos Humanos e Teologia.

A **Faculdade do Instituto Brasil - FIBRA** foi criada em 2001 e oferece os cursos de graduação: Administração, Biomedicina, Ciências Contábeis, Direito, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Nutrição.

A **Faculdade Raízes – SER** fundada em 2002, mantida pela Associação Educativa Evangélica (AEE) oferece apenas o curso de Direito.

A **Faculdade Anhanguera de Anápolis**, com as atividades iniciadas em 2002, é mantida pela Anhanguera Educacional Ltda. e oferece cursos de graduação na modalidade presencial, autorizados e/ou reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC), bem como cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e de extensão.

A **Faculdade de Tecnologia SENAI Roberto Mange** criada em 2004, abriu caminho para a consolidação do ensino superior na instituição. Atualmente oferece o curso superior tecnológico em processos químicos e em fármaco químico-industrial.

O **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)**, criado em 2008, é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluri-curricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Oferecem em Anápolis três cursos superiores: licenciatura em Ciências Sociais e em Química e Tecnologia em Logística.

A **Faculdade Metropolitana de Anápolis - FAMA** criada em 2010, mantida pelo Instituto Metropolitano de Educação e Cultura Ltda. Atualmente oferece nove cursos: Administração, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Biológicas Bacharelado, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Farmácia, Tecnologia em Estética e Cosmética, Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos.

RESULTADOS

Os estudos revelam que o debate sobre a relação universidade-empresa é relativamente recente no Brasil. Inicia-se por volta da década de 1980 até os dias atuais, as ações, experiências, debates, têm trazido resultados positivos tanto para as instituições de ensino superior quanto para o setor produtivo. Para as primeiras possibilita em algumas áreas o

desenvolvimento de atividades de pesquisa; a criação de determinados cursos com o desenho de um projeto político pedagógico alicerçado a realidade local bem como, formatação de cursos de atualização, adequando-os à realidade de mercado.

Para o setor produtivo a relação de cooperação viabiliza um processo permanente de atualização, inovação, captação de profissionais, utilização da infra-estrutura das IES, desenvolvimento de pesquisa, campo de estágio, dentre outros.

Segundo a opinião do Prof. Msc. Antônio Borges Junior, professor responsável pela Coordenação de Serviços de Interação Empresa-Escola (Cosiee) do **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Anápolis**, afirma que: “as empresas do DAIA sempre nos convidam para irmos às inaugurações eventos, mas independente disso a gente também agenda encontros pra fomentar estágios e estreitar relacionamento com eles”.

Apesar de criado recentemente seu Campus em Anápolis, o IFG, tem procurado através de sua diretoria e do Centro de Interação Escola – Empresa, estreitar as relações de cooperação tanto no campo de estágio como de pesquisa, expresso na fala do professor:

Oriento pesquisas aqui e coordeno estágio do campus. Temos o COSIEE - Coordenação dos Serviços de Integração Empresa-Escola (...) o trabalho aqui é estabelecer relacionamento com instituições que fomentam estágio, duas delas estarão aqui hoje é o IEL e o CIEE, no mais eu também visito empresas e instituições públicas, prefeituras, associação comercial, sindicatos e empresas do DAIA (...) estamos criando nosso núcleo de pesquisa em logística e inovação (...) está relacionada com inovação tecnológica no DAIA, especificamente na área de logística (...) organizamos recentemente a Semana de Logística, uma semana inteira de palestra, com a presença de executivos, empresários, funcionários da área técnica vieram dar a palestra (...) temos um cronograma de visitas técnicas que é repassado para diretoria de ensino, todo curso tem que fazer um cronograma de visitas.

Quando questionado sobre as vantagens e desvantagens da relação de parceria IES e empresas, o referido professor fez a seguinte análise:

Eu não chamaria de desvantagem, eu chamaria de algumas dificuldades, como por exemplo, a comunicação. Às vezes, vamos conversar com o empresário e ele nem sabe o curso que tem aqui ainda, então se houvesse um investimento em propaganda (...) são muitas vantagens como, receber um palestrante para falar com os alunos, ver que a teoria condiz com a prática (...). Essa interação do Instituto com as empresas, a grande vantagem que eu acho é sintonizar os cursos que o mercado está precisando, qual o perfil do profissional, porque o mercado muda e a gente não pode ficar com a grade estática (...)

É fundamental que se mantenha e se estimule projetos de cooperação nas instituições de ensino e empresas uma vez que as mesmas têm também uma função social a ser cumprida, como diz o entrevistado, que as IES possam estar conectadas as necessidades das empresas, da oferta de emprego, criação de novos cursos, estruturação de projetos políticos pedagógicos alicerçados a realidade de mercado, ações específicas de desenvolvimento de pesquisas para que as empresas possam competir no mundo globalizado.

Na análise do Prof. Msc. Marcelo Melo Barbosa, Pro - Reitor Acadêmico do **Centro Universitário - UniEvangélica**, em entrevista, sobre a relação da instituição com as empresas, revela que:

Na verdade assim, um projeto específico, nós não temos. Temos ações esporádicas, por exemplo, um número expressivo de empresas do DAIA mantém contato conosco (...) principalmente as do ramo farmo-químico, temos convênios e estágio no curso de Farmácia (...) atividades de ação social como Dia da Mulher, Dia do Farmacêutico, nas CIPAS das empresas do DAIA, então assim, nós temos um contato durante o ano inteiro, principalmente as de grande porte (...). São empresas que estão sempre abertas, para trazer seu *staff* na realização de seminários, palestras para os nossos alunos (...) seminários avançados no curso de Administração(...)

Percebe-se que mesmo na existência de um projeto específico formatado da IES existem ações específicas de acordo com a área de conhecimento quando faz referência aos cursos de Administração e Farmácia e ainda, no que se refere à pesquisa afirma “eu desconheço, mas acredito nas pesquisas de iniciação científica, nos trabalhos de conclusão de curso, principalmente do curso de farmácia, com certeza existe essa relação, que tem bastante reciprocidade”. Faz referência também ao estágio nessa área afirmando que “tem o momento do estágio nas empresas do ramo farmo-químico e, principalmente com as grandes temos convênios e hoje a gente sabe que ela é a grande empregadora dos nossos egressos”. Assim, o entrevistado afirma o papel da instituição em capacitar os profissionais para o mercado de trabalho.

A literatura nos faz refletir sobre a autonomia das IES nos cuidados de se fazerem reféns de um conhecimento utilitário, restrito ao mercado de trabalho e a formação de mão de obra. Interessante registrar a reflexão realizada:

A gente sabe que a academia se coloca em uma posição muito distante do mundo do trabalho, ela força essa não boa relação, mas eu fico a perguntar se nós estamos acima do mundo do trabalho, se a academia tem que ter essa soberania. A gente tem que atender e formar o aluno para o mercado de trabalho, para isso a gente não precisa se vender ao capital. Na verdade a gente acaba entrando em um contra-senso porque, o foco e a satisfação de uma instituição de ensino superior é saber que seus egressos estão lotados em uma grande empresa, ocupa espaços importantes dentro das organizações (...) Mas por outra parte eu vejo que a academia está muito longe, fechada nos seus muros, distante da comunidade, da sociedade (...) tenho discutido internamente que nós não podemos nos curvar a essa situação porque a gente não vai se vender ao mundo do trabalho (...) mas, a gente não pode se esquivar da necessidade do mundo do trabalho.

Quando questionado sobre as vantagens e desvantagens da relação das IES com a empresa, o professor relacionou que um dos pontos positivos da parceria seria a oportunidade de dialogar com o mercado visando diminuir a distância existente entre a instituição e as empresas na formação do aluno, nas competências que ele precisa ter e desenvolver na aplicabilidade daquilo que é ensinado. Afirma que “na medida em que a gente realiza a visita

técnica, o nosso professor vai lá, conhece a realidade da empresa, tem a oportunidade de ao chegar à sala de fazer uma reflexão (...) o errado é ficar longe do setor produtivo”. Reafirma que “nós temos que estar atentos para que a sinergia entre o mundo do trabalho e a produção acadêmica ocorra da melhor forma possível”.

Sobre as desvantagens ou dificuldades que advém dessa relação das IES com as empresas o Prof. Marcelo Melo Barbosa enfatiza a dificuldade, muitas vezes, de entrar nas empresas, uma vez que existe resistência por parte da Diretoria. No entanto, adverte que “quando o docente trabalha lá, já existe um vínculo e assim, temos um acesso mais tranqüilo com as empresas”.

Outra IES pesquisada foi a **Faculdade Católica de Anápolis** através de entrevista com a Profa. Msc. Maria Inácia Lopes, Vice-diretora Acadêmica. A professora relata que “por ser uma instituição pequena, o lado positivo é que temos uma visão geral, temos a visão do todo, e trabalhamos sempre em conjunto com as coordenações de cursos”. Quando questionada sobre a existência da relação da IES com as empresas situadas no DAIA ela respondeu que não existe, no entanto, considera:

Já estivemos em várias empresas do Daia, temos alguns dos nossos alunos fazendo estágio em algumas empresas, mas assim, um projeto voltado especificamente para a integração Faculdade-Daia, nós não temos. Na época do pré-vestibular nós visitamos, panfletamos, mandamos e-mails (...)

A referida faculdade iniciou suas atividades com o curso de Filosofia e posteriormente, os cursos de Gestão Tecnológica de Recursos Humanos e Gestão Ambiental, Bacharelado em Teologia, Administração, com o crescimento limitado por questão de espaço físico, mas, com projeto de ampliação, afirmando a diretora que:

Temos um projeto para abrir um novo curso, tanto que antes de decidir qual curso, nós ouvimos várias empresas do DAIA, e decidimos pelo curso de gestão da produção, exatamente para atender o mercado. O fato de abrir cursos na área de gestão no período matutino, também é para atender pedido de empresas do Daia, aquelas empresas que tem os três turnos.

Sobre as vantagens e desvantagens da relação de integração Faculdades X Empresas, faz referência a oportunidade de estágios nas empresas do DAIA, “o nome faculdade Católica é muito forte, graças a Deus nós estamos muito bem avaliados”. Relata ainda, que a faculdade participa de reunião junto a Associação Comercial e Industrial de Anápolis – ACIA, “para ver o que eles estão pretendendo, e também de reuniões na Câmara de Dirigentes Lojistas, que estão mais voltados para o comércio, para ver o que eles precisam e assim, nos mantemos ligados a realidade local”.

Outra questão importante que a professora expõe é a realização de pesquisa na instituição e a possibilidade de utilização das empresas do DAIA como campo de pesquisa, conforme seu relato “por exemplo, o curso de gestão ambiental que é também a área ligada a administração, os alunos fazem muita pesquisa voltada pra preservação do meio ambiente, fazem pesquisa em empresas do DAIA, sempre ligando a teoria à prática”.

Na oportunidade realizou-se ainda uma entrevista com a Coordenação do Curso de Administração, Profa. Ms. Elaine Abrahão Amaral que ao contribuir com a pesquisa manifestava a seguinte opinião:

A gente tem buscado estreitar relações com as empresas (...) desenvolvemos um *happy hour* empresarial, convidamos empresas não só do DAIA, mas como um todo para uma busca de maior aproximação com a nossa instituição. Estamos com um projeto para estruturar a Empresa Junior. Projetos de cursos matutinos especialmente em Administração e Recursos Humanos, e no meio da conversa surgiu a possibilidade da criação do curso de Gestão da Produção (...) assim, fizemos um novo projeto que está em fase de postagem no MEC. Temos tido uma receptividade muito grande dentro das empresas do DAIA em relação aos nossos alunos, como estágio (...) professores que ocupam cargos dentro de empresas que também facilita visitas técnicas dos nossos alunos.

Outra IES pesquisada foi a **Faculdade FAMA** através de entrevista com o Prof. José Odilon de Oliveira, Diretor Acadêmico da referida faculdade, que oferece os cursos de Engenharia Ambiental, Farmácia e Administração, e atualmente, possui em torno de dois mil alunos. Quando questionado sobre se existe algum programa, atividade desenvolvida em parceria com alguma empresa obteve-se a seguinte resposta:

Assim, hoje temos alguns convênios com várias empresas, temos também as visitas técnicas que é feito nas empresas (...). A motivação de buscar essas parcerias é sempre o conhecimento para os nossos alunos, para que eles possam vivenciar a prática, que eles possam estar próximos a realidade de uma empresa.

No que se refere ao interesse das empresas nessa relação de parceria com a IES o Diretor afirma que “nós não encontramos nenhuma dificuldade em realizar qualquer parceria com uma empresa aqui no nosso município, nós somos muito bem atendidos e assim, os alunos têm a oportunidade de ver uma empresa organizada, como ela funciona, e ver a realidade daquilo que ele está estudando na teoria”.

Sobre as desvantagens dessa parceria o diretor afirmou não ver nenhuma “porque eu acho que tudo que é feito assim, com propósito, com projeto e dentro assim de uma sustentabilidade, eu não vejo nada que possa ser negativo”.

Em entrevista na **Faculdade Raízes** mantida pela Associação Educativa Evangélica foi entrevistado o Prof. Msc. Jessé Alves de Almeida, Diretor. A IES tem o curso de Direito e

possui em torno de 480 alunos e funciona desde 2005. Quando questionado sobre a existência de parcerias entre a IES e as empresas, o diretor informou que:

(...) na verdade a gente mantém a relação de estágio com algumas empresas do DAIA, através do CIEE, ou através da própria instituição (...) a gente tem, visitas técnicas, as empresas, o Porto Seco, por exemplo, tem uma relação interessante com a gente, porque nós temos disciplinas na área de aduana, aqui é o Direito Aduaneiro. Então nós trazemos todo semestre o diretor do Porto Seco, vem dar a palestra para os alunos.

Apesar da afirmação da busca de integração das IES com as empresas ainda existe carências e distanciamento ilustrando em sua fala:

Existe uma carência muito grande de mão de obra especializada, principalmente pra essas empresas que vem de fora (...) é uma relação um pouco distante, eu acho que deveria ser mais estreita, mais intensa, talvez até mesmo com uma produção de cursos mais direcionados, a demanda do DAIA (...)

Quando questionado sobre as vantagens da relação de parceria afirma ser “a montagem dos cursos na perspectiva do mercado de trabalho para o egresso”. Ressalta ainda, que a importância não é só de preparar para o mercado de trabalho, mas, também a preocupação de ser uma IES com um “centro de pesquisa, de interação, de produção acadêmica, e se a gente foge muito daquele modelo mais tradicional e cada vez a gente procura dar ao egresso um perfil mercadológico, e profissional a gente perde um pouco esse lado mais científico mais de pesquisa...” Como desvantagem afirma que “como instituição, a gente precisa trabalhar muito bem essa, aproximação para que a produção acadêmica, a escola não fique refém do mercado, é um problema um pouco complicado (...) não permitir que a universidade perca esse seu lado, esse seu valor histórico de formação, do pensamento também, e de uma categoria de pessoas que determinam e que não sejam determinadas pela vontade do mercado”.

Em entrevista na **Faculdade Instituto Brasil - FIBRA** o Diretor Acadêmico Prof. Msc. Luiz Henrique Ribeiro quando questionado sobre a existência de parcerias entre a IES e as empresas, o diretor informou que:

A nova estrutura da faculdade, além da direção geral e da direção acadêmica, foi também instituída uma direção de desenvolvimento para fazer o intercambio entre a faculdade e as diversas instituições e organizações que a gente tem na nossa sociedade (...) a Faculdade FIBRA hoje faz parte do complexo do DAIA

Sobre as vantagens da relação IES x Empresas, o professor expõe que é a possibilidade das empresas fornecerem o perfil do profissional que precisam reforçando a importância de “estar atendendo essa demanda de mão de obra especializada do DAIA.” Quanto às desvantagens o diretor acredita não ter nenhuma, já que para ele a cidade de Anápolis evoluiu muito nos últimos 10 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se nas entrevistas realizadas que mesmo apresentando-se limitações, a cooperação IES x Empresas é vista de forma positiva por dirigentes uma vez que expressam a necessidade de que as IES precisem interagir mais com a sociedade, voltando-se para atender as suas necessidades não restritas ao mercado de trabalho apenas.

Torna-se necessário olhar as mudanças do mundo do trabalho, as necessidades da sociedade no sentido de melhorar a profissionalização das empresas, profissionais mais qualificados tendo oportunidade de trabalho, a melhoria da qualidade de vida, da inserção das pessoas através do trabalho, dentre outras.

As IES não podem ficar isoladas e assim, a cooperação torna-se um mecanismo capaz de dinamizar a relação com o mundo do trabalho, criação de projetos conjuntos, formalização das áreas de parcerias, não só na realização de serviços pontuais e emergenciais, mas, na formatação de convênios que possam desenhar um processo organizado, planejado e formalizado.

Nas entrevistas detectou-se que as relações são muito informais dependendo da iniciativa pessoal de uma área, de uma diretoria e até mesmo de um professor, sem qualquer envolvimento da instituição em suas políticas de relacionamento com as empresas e a sociedade. A parceria restringe-se a oferta de estágio, espaço de recrutamento de alunos, visitas técnicas, palestras, oferta de cursos específicos (dentro de determinadas áreas de conhecimento), convênios, patrocínios das empresas para atividades de seminários, criação de novos cursos, adequação dos projetos políticos pedagógicos á realidade das empresas, dentre outras.

A literatura indica que em função das mudanças na sociedade, nas empresas e no mundo do trabalho precisará haver uma melhor articulação na relação desses atores sociais (empresa, governo e instituições de educação superior) possibilitando maior desenvolvimento tecnológico, competitividade, valor agregado, qualificação de pessoas e produtos, novos saberes e novas práticas na gestão das IES, das empresas e da gestão pública. Apesar de no Brasil, essa relação ainda está engatinhando, passos estão sendo dados e o caminho está aí para ser construído.

Os resultados indicam dificuldades na parceria percebida especialmente, na lentidão dos processos e poucos professores que atuam como agentes interlocutores entre o setor acadêmico e empresarial. Percebe-se ainda, falta de motivação de ambas as partes, lentidão e

atraso na publicação dos resultados de pesquisa, receio da IES perder sua autonomia e incompatibilidade do tempo da empresa e da IES.

Observa-se a necessidade de ampliar o diálogo entre as IES e o setor produtivo na oferta de serviços como a oferta de pessoas mais qualificadas no mercado de trabalho, bem como ações de consultoria, atendimento a comunidade, projetos sociais e projetos de inovação e de tecnologia.

O presente estudo é uma pequena contribuição. Aliás, cabe aqui perguntar se o caminho de relacionamento IES x Empresas, que foi sendo gradativamente construído, não necessitaria de maior abertura das IES e das próprias empresas? Não teria a ver com a autonomia das IES para não ficarem “reféns” do imediatismo das necessidades do mercado e das empresas?

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AVILLEZ, R. R. de. Universidade e empresas: namoro, noivado e casamento. **Revista PUC-CIÊNCIA**. Rio de Janeiro: PUC, número especial, dez. 1999.

CASSIOLATO, J.E. **A economia do conhecimento e as novas políticas industriais e tecnológicas**. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

DAHAB, S. et al. **Competitividade e Capacitação Tecnológica para Pequena e Média Empresa**. Salvador, BA, Casa da Qualidade, 56p, 1995.

FREIRE DE PAULA, M. A.; PONTES, M. F. de. **Bolsas de iniciação tecnológica: derrubando os muros e os mitos do relacionamento universidade empresa. Cooperação para o fortalecimento recíproco**. Série Interação Universidade Empresa. Instituto Euvaldo Lodi, IEL Nacional, nº 1, 1999.

LIMA, Tereza Cristina M. Pinheiro. **Ensino Superior de Administração do Brasil e em Goiás: expansão, privatização e mercantilização no período de 1995 a 2006**. Goiânia, Ed. UCG, 2009.

PASQUALINI, A. C. Não há inovação sem estratégia. **Revista Banas Qualidade**. São Paulo, ano 12, n.129, p.26-31, fev. 2003.

PORTER, M. E. **The competitive advantage of nation**. Harvard Business Review. 1990.

PLONSKI, G. A. **Cooperação empresa-universidade no Brasil: Um novo balanço prospectivo**. In: Interação Universidade-Empresa. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. (IBICT). Brasília: IBICT, 1998. p 9-23.

_____. Cooperação universidade-empresa: um desafio gerencial complexo. **Revista de Administração**, São Paulo v.34, n.4, p.5-12, outubro/dezembro 1999.

REINHART, D. R.; SELTER, J. **Industry/Engineering Partnerships with an Emerging Research University**. International Conference on Management of Technology. Orland, USA, p. 869-878. 1998.

SANTOS, Silvio A. Evolucion institucional de la universidad com el sector productivo. In: WAISSBLUIH, Mário. Vinculacion universidad sector productivo, n° 24, Santiago, Chile: Cinda, 1990, **Coleccion Ciencia y Tecnologia**, p 193-234.

SEGATTO-MENDES, A. P.; Sbragia, R. O processo de cooperação universidade-empresa em universidades brasileiras. **Revista de Administração**. São Paulo v.37, n.4, p. 58-71, outubro/dezembro 2002.

VASCONCELOS, M.C.R.L.; FERREIRA, M. A. T. A contribuição da cooperação universidade/empresa para o conhecimento tecnológico da indústria. **Perspectiva Científica**. Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 167 - 182, jul./dez.2000

VELHO, S. **Relações universidade-empresa: desvelando mitos**. Campinas: Autores Associados, 1996.

ZAGOTTIS, D. L. de. **Sobre a interação entre a universidade e o sistema produtivo**. Revista USP, São Paulo (25): 74-83, março/maio 1995.

Referências eletrônicas

ANÁPOLIS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anápolis>. Acesso em 27/03/2012.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UniEVANGÉLICA. Disponível em: <http://www.unievangelica.edu.br>. Acesso em 01/06/2012.

FACULDADE ANHANGUERA DE ANÁPOLIS. Disponível em: <http://www.anhanguera.com/graduação/localidades/anapolisgo.php>. Acesso em 30/03/2013.

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS. Disponível em: <http://www.catolicadeanapolis.edu.br>. Acesso em 01/06/2012.

FACULDADE FAMA. Disponível em: <http://www.faculdadefama.edu.br>. Acesso em 01/06/2012.

FACULDADE RAÍZES. Disponível em: <http://www.faculdaderaizes.com.br>. Acesso em 01/06/2012.

FACULDADE FIBRA. Disponível em: <http://www.fibra.edu.br>. Acesso em 01/06/2012.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS – IFG. Disponível em: <http://www.ifgoias.edu.br>. Acesso em 01/06/2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. Disponível em: <http://www.ueg.br>. Acesso em 01/06/2012.